

Ai, meu chapéu: diálogos e proposições pedagógicas com Música e Artes Visuais

Melita Bona
Rozenei Maria Wilvert Cabral

Resumo:

Apresentam-se proposições pedagógicas interdisciplinares com Música e Artes Visuais, tendo como tema o chapéu. Parte-se de canções e histórias que tratam de uma peça que integra o vestuário da sociedade humana desde os tempos mais remotos e que está presente em quase todas as culturas. Discute-se a relevância da presença da Música e das Artes Visuais na escola, dando ênfase aos conceitos específicos e a maneira como estes podem ser abordados em cada uma das linguagens. A intercalação e a complementação das linguagens artísticas podem fluir a partir da apropriação de conceitos e na justaposição de vivências coletivas ludo-artísticas.

Palavras-chave: Proposições pedagógicas. Música. Artes Visuais.

***Oh my hat:** Dialogues and Pedagogical Propositions with Music and Visual Arts*

Abstract:

We introduce interdisciplinary pedagogical proposals for music and visual arts, with the theme of hats. The work is based on songs and stories that deal with hats: an article of human clothing since ancient times present in almost all cultures. The relevance of the presence of music and visual arts in school is discussed, emphasizing specific concepts and how they can be addressed in each language. The combination and complementation of artistic languages can flow from an appropriation of concepts and from the juxtaposition of collective ludic-artistic experiences.

Keywords: Pedagogical propositions. Music. Visual Arts.



Designed by Freepik

BONA, Melita; CABRAL, Rozenei Maria Wilvert. Ai, meu chapéu: diálogos e proposições pedagógicas com Música e Artes Visuais. *Música na Educação Básica*. Londrina, v. 8, nº 9, 2017.

Ai, meu chapéu!

Mas que história é essa? O que o chapéu teria a ver com a aula de Música ou com as Artes Visuais? O que sabemos sobre sua trajetória e desde quando o chapéu existe? Qual é a função e o simbolismo do chapéu na sociedade, em diversas camadas sociais e circunstâncias, no decorrer da história da humanidade? Mas e se acrescentarmos ainda a pergunta: Quantas histórias e canções em que o chapéu é mencionado você conhece? Possivelmente a história do Gato de Botas, o “chapéu seletor” na história de Harry Potter, e canções como *Fui à Espanha* ou *O meu chapéu tem três pontas* são lembranças que virão à mente.

interdisciplinaridade poderá contribuir para o aprimoramento de diversos saberes, favorecendo o constante exercício de troca entre os professores envolvidos (Ponso, 2011).

Ações musicais desenvolvidas a partir de temáticas diversas são uma constante na prática educacional no âmbito da educação infantil e da escola (Beineke, 2011). A música elementar atua como fator integrador de vivências e conhecimentos, em especial quando se trata da educação da criança pequena e de alunos dos anos iniciais da educação básica, pois oportuniza o desenvolvimento de habilidades musicais e extramusicais, favorecendo a formação global e integral do ser humano.



Essas provocações à memória e ao imaginário encerram a ideia central desta proposta, que visa à realização de práticas educativas com música, em consonância com proposições em Artes Visuais, tendo como tema e objeto central o chapéu, direcionadas à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental. Na perspectiva da interdisciplinaridade, cantigas de roda e contos infantis, que mencionam o chapéu, tornam-se porta de entrada para a apropriação de elementos e conceitos específicos em Música e Artes Visuais. Para Fazenda (2008), a interdisciplinaridade envolve atitudes compromissadas por parte dos professores para além da mera junção de disciplinas. Assim, as proposições em Artes Visuais e Música deveriam ser realizadas de modo conjunto. A

Nessa perspectiva, para Carl Orff, a música elementar, que vem a ser aquela que é produzida pela própria criança, está interligada ao movimento, à palavra e aos aspectos cênicos. Vivenciada na infância, a música elementar pode desencadear disposições para experiências artístico-musicais futuras que passarão a ser referências na vida adulta. Ideias sobre música, movimento e linguagem fundamentam a proposta pedagógica de Orff, e as cantigas e brincadeiras de roda propostas neste artigo encerram esses aspectos. O canto das cantigas pelas próprias crianças contribui para o desenvolvimento rítmico melódico e para a linguagem, enquanto os movimentos realizados com as cantigas propiciam experiências corpóreas de espaço e tempo (Bona, 2011).



Sugestão de leituras:

- *Música em Diálogo: ações interdisciplinares na educação infantil* (Ponso, 2011);
- *Entre trens e músicas: ideias para projetos integrados na escola* (Penna, 2014);
- *Música, jogo e poesia na educação musical escolar* (Beineke, 2011).

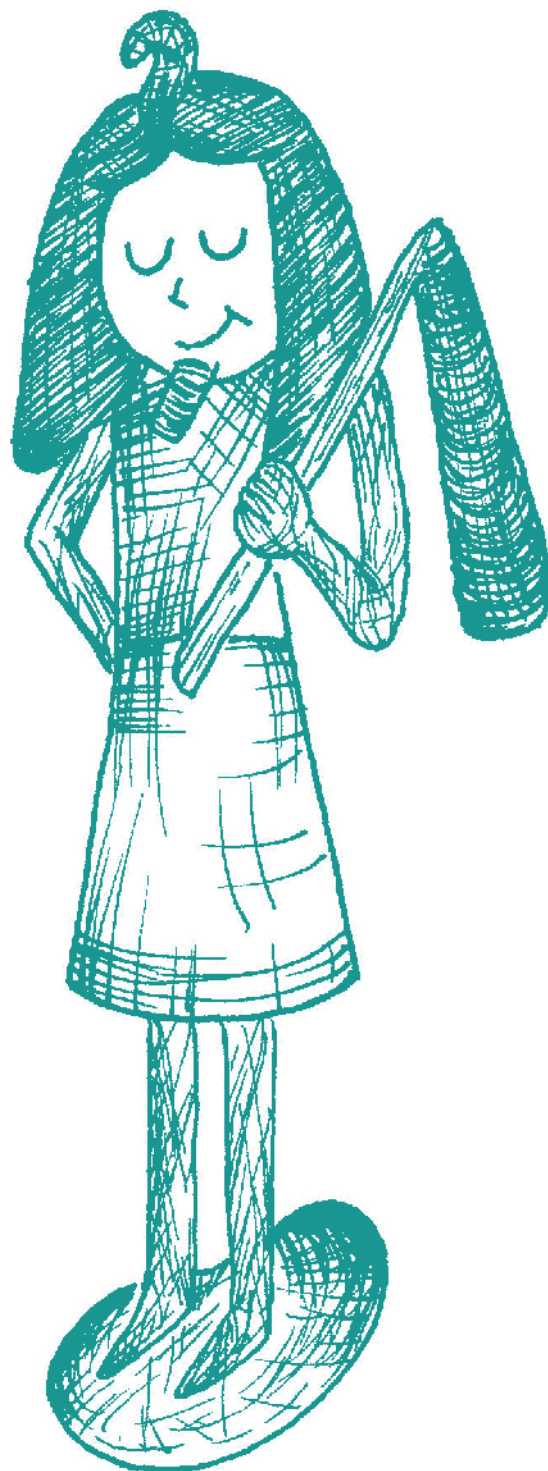
Ao relacionarmos o tema com as Artes Visuais, as proposições educativas com a temática do chapéu se ampliam significativamente, consistindo em experiências teórico-práticas altamente motivadoras para os alunos, envolvendo o campo da Arte de forma interdisciplinar. Penna (2014) ressalta que a promoção da articulação de conteúdos por meio da exploração das temáticas se encontra no princípio gerador da elaboração de projetos interdisciplinares. Ponso (2011, p. 16) considera “[...] que o olhar de um professor carrega toda sua bagagem enquanto educador, e isso é que o difere de seus pares”.



VOCÊ SABIA?

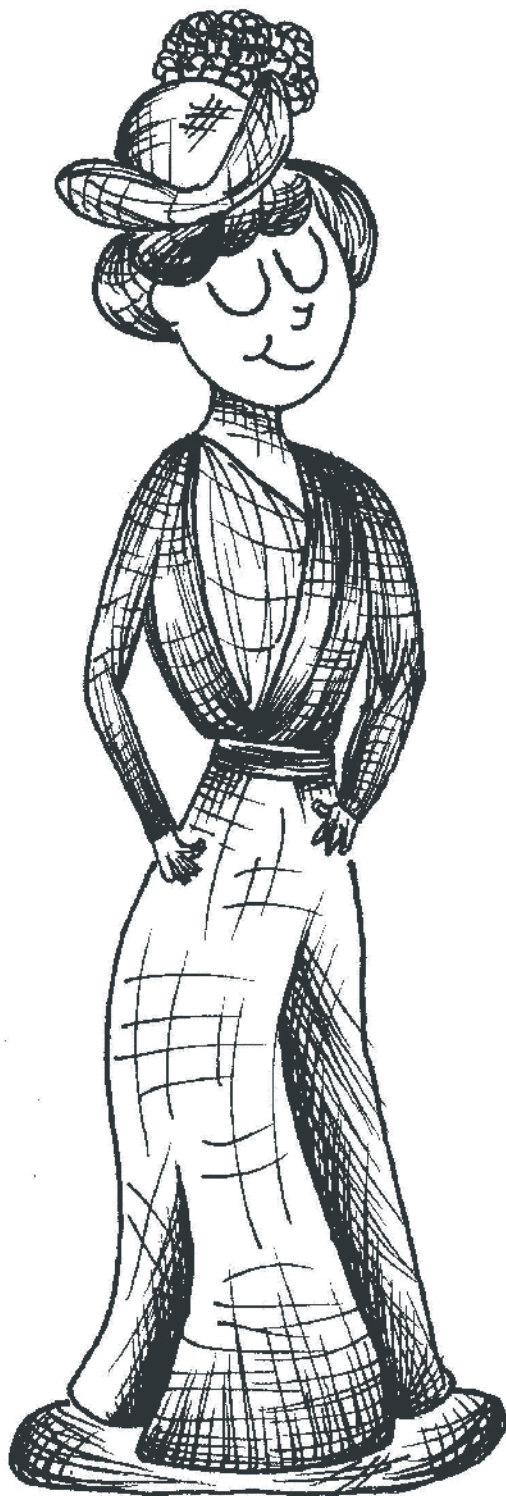
Que a palavra chapéu se origina do latim *cappellus*, diminutivo de *cappa*, acessório usado para cobrir a cabeça, *cappo*. Lembrando aqui que a terminologia *Da Capo*, d.c. em música sinaliza a repetição do início (da cabeça), da peça.

O chapéu é considerado um acessório clássico que pode ser usado por crianças, jovens e adultos, simbolizando elegância e, inclusive, *status* social. O chapéu surgiu por volta de 4.000 a.C. no antigo Egito, Babilônia e Grécia e sua finalidade era proteger o cabelo dos nobres, dos sacerdotes e dos guerreiros. De acordo com Design Museum (2011, p. 6), o chapéu possui três funções principais, não mutuamente exclusivas:



Ilustrações: Karoline Kropp e Anderson Devegili

A primeira e talvez fundamental é proteger dos elementos climáticos e, às vezes, de um impacto. Um gorro de lã no inverno e um capacete de ciclista aliam-se nessa missão. A segunda função é simbólica ou emblemática: tanto a coroa quanto o chapéu de cozinheiro indicam o papel do indivíduo. A última, mas não menos importante função, é a estética, pois chapéus, como nenhum outro item do vestuário, têm o poder de transformar o indivíduo.



Como distinção social ou profissional, o chapéu permanece, até os dias de hoje, com uma imensa variedade de peças destinadas a pessoas que ocupam, ou não, determinados cargos. “Desde a sua gênese, o homem se preocupou com a estética, demonstrando isso através da decoração de seu corpo e do meio onde vivia. É nessa preocupação que se originam a moda e a arte” (Schulte, 2001, p. 100).

Pode-se dizer que há uma forte ligação entre arte e moda – ambas são importantes áreas de conhecimento que retratam a sociedade, representando sentimentos, concepções e ideais. As obras de arte ilustram muito bem essa afinidade, pois retratam a moda utilizada em diferentes épocas e contextos, contribuindo para se conhecer sobre a história da humanidade.

Projetos educativos que integram diferentes linguagens artísticas na escola são preciosas conquistas e avanços para o processo do ensinar e aprender no campo da Arte. O trabalho interdisciplinar, envolvendo as áreas de Música e Artes Visuais, contribui para o processo da formação artística, cultural e estética dos alunos, ampliando seus repertórios e apontando para confluências e interconexões que podem ser estabelecidas entre essas áreas de conhecimento. Nesse sentido, a estrutura melódica de cantigas de roda e o chapéu, em todas as suas formas e texturas, podem ser caminhos para a conscientização de elementos da Música e das Artes Visuais no sentido de afastar-se do “Olho, mas não enxergo e ouço, mas não escuto”.

1. Para além da brincadeira...

As cantigas ou brincadeiras de roda fazem parte do patrimônio cultural imaterial brasileiro e necessitam ser revisitadas. Por meio da escuta ativa de suas melodias e associadas ao movimento corporal, oportuniza-se a compreensão da organização dos elementos rítmicos e melódicos, além de cantar e realizar a brincadeira de modo tradicional.

Sugestão

- O professor de música entra em sala com um chapéu na cabeça e canta a cantiga “Coco de milho” sem ou com apoio de algum instrumento.

A partir da apresentação introdutória, o professor poderá convidar os alunos a cantarem a cantiga e iniciar com uma conversa sobre o chapéu com a turma, investigando quantas e quais músicas que mencionam o chapéu eles conhecem. Qual seria a origem dessa cantiga? O que quer dizer o refrão “Coco de milho”? O que significam os dez mil “arréis”? São aspectos que podem ser discutidos com os alunos. Segundo Andrade (2014, p. 12), “[...] mais do que aprender uma canção ou outra, precisamos oferecer um ensino de música que proporcione a construção de conhecimentos, não somente da linguagem musical [...]”.



Coco de milho

Domínio Público

Allegro Moderato

Aí vem a chu - va! 'Stou no-mo - lha - do... A chu - va Aí
 3 vem! 'Stou no mo - lha - do... To - ma lá o meu cha - péu, 'Stou no mo -
 6 lha - do... Vem cá meu bem! 'Stou no mo - lha - do...

2. Fui ao mercado, Coco de milho!
 Fui ao mercado, Coco de milho!
 Fui ao mercado, Ó Martins!

3. Fazer o quê? Coco de milho!
 Fazer o quê? Coco de milho!
 Fazer o quê? Ó Mariana!

4. Comprar chapéu, Coco de milho!
 Comprar chapéu, Coco de milho!
 Comprar chapéu, Ó Martins!

5. Quanto custou? Coco de milho!
 Quanto custou? Coco de milho!
 Quanto custou? Ó Mariana?

6. Dez mil "arréis", Coco de milho!
 Dez mil "arréis", Coco de milho!
 Dez mil "arréis", Ó Martins!

7. Foi muito caro, Coco de milho!
 Foi muito caro, Coco de milho!
 Foi muito caro, Ó Mariana!

8. Que bem me importa, Coco de milho!
 Que bem me importa, Coco de milho!
 Que bem me importa, Ó Martins!

9. Ficamos de mal, Coco de milho!
 Ficamos de mal, Coco de milho!
 Ficamos de mal, Ó Mariana!

10. Fazemos as pazes, Coco de milho!
 Fazemos as pazes, Coco de milho!
 Fazemos as pazes, Ó Martins!

Vamos brincar?

Organize duas fileiras de número igual de participantes, com os pares posicionados frente a frente. Os integrantes de uma das fileiras, representando “as Marianas”, poderiam estar de chapéu na cabeça. Variante: sem chapéu, trabalhando com o imaginário. Segundo a proposta original da brincadeira, conforme Novaes (1986, p. 151), à medida que cantam as frases, as fileiras realizam o que cantam, caminhando em direção à fileira oposta na primeira parte e retornando ao lugar na segunda parte da melodia. Porém, o estímulo à criatividade de gestos e formas de movimentação fica a critério de cada professor.

👍 Sugestão

- Após a realização da última estrofe, os pares poderiam dançar juntos, cada qual à sua maneira, enquanto o professor improvisa ao instrumento.

Essa cantiga de roda, sem formação de roda, constitui-se de um diálogo entre Mariana e Martins, motivado pela ida de Mariana ao mercado para comprar um chapéu. Como seria esse chapéu? Será que todos os chapéus cantados nessa cantiga e nas demais aqui sugeridas são iguais? Mas essa conversa terá continuidade em outro momento.



Vamos fazer um chapéu?

Em Artes Visuais, a proposição inicia com uma roda de conversa retomando a temática do chapéu, tendo como pano de fundo a prática vivenciada na aula de música (o professor também poderia entrar em sala usando um chapéu). Outras perguntas poderão ser feitas:

Quem usa chapéu? Para que serve o chapéu? Que personagens da literatura infantil usam chapéu? Como é o chapéu do mago, do palhaço, da bruxa, do cozinheiro, do cangaceiro e tantos outros? E o chapéu dos personagens de contos de fadas, como o Pequeno Polegar, a Chapeuzinho Vermelho, Peter Pan e o Capitão Gancho, o Chapeleiro de *Alice no País das Maravilhas*?

Após a realização da conversa, apresente diferentes tipos de chapéus: grandes, pequenos, de palha, de couro, de tecido, de feltro, em diversos formatos, com ou sem abas. Mostre também obras de arte de diferentes artistas com pessoas usando chapéus.

Sugestões de artistas e obras:

- O Tocador de Pífano (Marcelo Soares), Menino com Pião (Cândido Portinari), Mulher sentada (Pablo Picasso), *Self-portrait* (Albrecht Dürer), O Vendedor de Frutas (Tarsila do Amaral), O Cangaceiro (Aldemir Martins), *Boy on a Ram* (Francisco Goya).
- Blog: <http://www.gabrielalenzi.com.br/blog/>
- Site: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/praias-sc/81,0,616,29044,estilo-e-s sofisticacao-nos-chapeus-de-gabriela-lenzi.html>

Para se inspirar

Livros da literatura infantil, como *Alice no País das Maravilhas*, *O Gato de Botas*, *O Capitão Gancho*, *A Bela Adormecida*.





Albrecht Dürer - Self-portrait, 1498.

Apreciação estética

Sugere-se iniciar a apreciação estética solicitando que os alunos façam uma leitura de imagem espontânea, estimulando-os, de modo provocativo, a falar sobre as obras, a fim de ampliarem suas referências para a realização de outras proposições. “Ler uma imagem é mais do que olhar apressadamente para ela. Toda imagem é um texto para ser lido e compreendido, um texto que desperta em nós sentimentos e pensamentos” (Buoro; Kok; Atihé, 2007, p. 6).



Que tal um passeio pelas imagens?

Sugestões para o “passeio”:

- Os artistas (nacionalidade);
- As linguagens artísticas utilizadas na produção das obras;
- Os personagens das obras, suas vestimentas e acessórios;
- O ambiente em que se encontram as pessoas retratadas;
- Os tipos de chapéus utilizados pelos personagens das obras;
- Formas, linhas, cores e texturas.

Ato criador

Em seguida, o professor poderá estimular os alunos desafiando-os para a busca de uma poética pessoal. A percepção de linhas, formas, cores e texturas, existentes nos chapéus dos personagens das obras, oferecem recursos para a expressão artística de cada um.



“O conhecimento de diferentes produções, diferentes artistas/ autores, épocas e países é visto como ampliação de referências, pois permitem outras perspectivas, outros modos de pensar e fazer”

(Martins; Picosque; Guerra, 2010, p. 130).



Pergunte ao grupo:

Seus familiares usam chapéus? Se eles usam, de que tipo? Onde e quando usam? E você, que tipo de chapéu gostaria de usar? Onde usaria o seu chapéu?



Após essa conversa, o professor disponibilizará diferentes suportes e materiais coloridos para a elaboração do desenho/projeto de um chapéu, solicitando que definam o ambiente no qual usariam tal acessório. Dessa forma, os alunos estarão exercitando a percepção estética e a imaginação criadora numa produção bidimensional. Mesmo porque, quando a criança desenha, pensamento e ação atuam de forma conjugada. Segundo Lavelberg (2013, p. 29), “[...] são atos particulares, que ninguém pode realizar por ela. Quando a criança desenha, ação percepção e imaginação atuam juntas; ela sabe fazer e ver o que produz no desenho”. Depois que o desenho/projeto estiver pronto, deve-se disponibilizar aos alunos diferentes materialidades para confeccionar tridimensionalmente os chapéus projetados.

Finalizados os trabalhos, o professor e os alunos organizarão os desenhos e chapéus, confeccionados num painel em sala de aula, destacando o local em que o usariam. Durante a socialização entre os alunos, o professor deverá provocar um diálogo, desenvolvendo uma análise entre o desenho e o chapéu tridimensional, bem como dos elementos da visualidade presentes nas duas produções (linha, forma, cor e textura).

Alguém viu o meu chapéu?

Cantar e brincar a cantiga *Fui à Espanha* com os chapéus, recém-confeccionados, na cabeça. É provável que a melodia dessa cantiga seja familiar à maioria dos alunos, pois também é encontrada com outras letras, como nas cantigas *Marcha soldado* e *Samba crioula*.



Fui à Espanha

Domínio Público

Allegretto

1. Fui à Es - pa - nha Bus - car o meu cha - péu, —

A - zul e bran - co Da cor da - que - le céu. — 2. O - ra

pal - ma, pal - ma, pal - ma! O - ra pé, — pé, — pé! O - ra

Algumas sugestões

Essa cantiga que fala da Espanha poderia ser relacionada à imagem da obra de Goya, que apresenta um menino com um chapéu, aparentemente azulado, sentado sobre um boi. Será que o menino foi até a Espanha buscar o seu chapéu? E o seu chapéu veio de onde? É interessante propor que os alu-

nos criem uma nova cantiga inspirada no que acabou de ser realizado, criando também a forma de movimentação para a música. Outras ideias e maneiras de realizar a brincadeira poderão surgir.

Ai, meu chapéu, vai chover...

Sugere-se tocar a melodia do estribilho para que o grupo se familiarize com a melodia, para em seguida apresentar a letra. Conversar sobre a cantiga.



Goya, "Boy on a Ram" (1786-1787)

Aí vem a chuva!

Domínio Público

Allegro Moderato

Aí vem a chu - va! 'Stou no-mo - lha - do... A chu - va Aí
 3 vem! 'Stou no mo - lha - do... To - ma lá o meu cha - péu, 'Stou no mo -
 6 lha - do... Vem cá meu bem! 'Stou no mo - lha - do...

Sugestões

- Improvisar uma paisagem sonora (Schaffer, 1991) a partir da chuva que se aproxima, explorando sons vocais, corporais e instrumentais como introdução para a cantiga.
- Cantar toda a canção para o grupo e pedir que os alunos acompanhem em palmas apenas a célula rítmica "Stou no molhado";
- Brincar com a célula rítmica "Stou no molhado", tocando-a com baquetas ou *hashis*, percutindo no chão;
- Movimentar-se, percutindo em diversos objetos e superfícies, explorando sonoramente o ambiente/sala; cada "Stou no molhado", percutir em uma superfície diferente (variar o andamento da execução);
- Em subgrupos: alguns tocam e outros se movimentam em roda cantando a cantiga, com uma criança no centro da roda com um chapéu na cabeça (Novaes, 1986, p. 130).

Solos da cantiga:

1. Joguei meu chapéu prá ríba,
Pra ver onde ele caía;
Caíu no colo da moça,
Era isto que eu queria!
2. Joguei meu chapéu pra ríba,
Pra ver onde ele caía;
Caíu no colo da velha,
Cruz, credo, Ave Maria!

Caso o professor tenha instrumentos de plaquetas (xilofones) à disposição, alguns alunos poderão executar a célula rítmica “Stou no molhado” nos tons básicos da melodia, ao final de cada uma das frases, consecutivamente: Sol – Fá – Do – Fá. As demais plaquetas podem ser retiradas. É desejável deixar que os alunos “descubram” qual é plaqueta a ser tocada. Essa cantiga propicia também um trabalho musical mais detalhado, por constituir-se basicamente de arpejos, escalas e notas repetidas, tornando possível a realização de atividades de percepção musical que abordem tais particularidades.



As músicas das crianças só fazem sentido quando compreendidas amplamente, o que inclui todo o contexto do brincar. Na escola, muitas vezes tal prerrogativa não é considerada, como quando são cantadas canções “do folclore” sem estabelecer relações entre o contexto cultural e social no qual ela está inserida, como é cantada, tocada ou brincada e quem são as pessoas que dela participam. Cantar canções tradicionais, no ensino de música, muitas vezes significa cantar temas melódicos, desconsiderando a música e o brincar como produções culturais.

(Beineke, 2011, p. 11).



Ouçã

Outras músicas que falam de chapéu

- *Maracangalha* (Dorival Caymmi), *Voa, Bicho* (Milton Nascimento) e *Ditado* (Adoniran Barbosa).

CDs/Livros com cantigas de roda

- *Cantigas de Roda* (Palavra Cantada)
- *Quem canta seus males espanta* (Theodora de Almeida)
- *Dois a Dois* (Grupo Rodapião)
- *Cantigas de Roda* (Hélio Ziskind)
- *O Pião entrou na roda: cantos e contos de todos os cantos* (Musicalização UFPR)
- *Brincadeira de Viola* (Paulo Freire)
- *Abra a Roda tin dô lê lê* (Lydia Hortélio e Antonio Nóbrega)
- *Fazendo Música com crianças* (Amanda Christiane Rocha Nicolau et al., UFPR)



Para finalizar

As proposições aqui apresentadas, tanto para a aula de Música quanto para as Artes Visuais, poderão ser exploradas e discutidas com os alunos de muitas maneiras. Cabe a cada professor a criatividade na busca de repertórios para definir a maneira de propor e desenvolver tal temática. No pano de fundo desse cenário, encontra-se a Arte na educação básica, aqui representada pela Música e pelas Artes Visuais; destaca-se, também, a relevância do trabalho em parceria entre professores especialistas e professores unidocentes. Segundo Penna (2014, p. 116), “[...] projetos integrados são, sem dúvida, um desafio para uma prática coletiva”.

O foco neste trabalho se encontra na conduta das proposições, não necessariamente no conteúdo. O modo como o professor propõe uma ação pode ser determinante para o processo de ensinar e aprender, significativo para o aluno. Os jogos, as brincadeiras, a fantasia, o faz de conta, as vivências com diferentes materialidades e repertórios são aspectos que podem contribuir para a qualificação do ensino da Arte na escola.

Entende-se que o contato da criança pequena e do aluno dos anos iniciais com elementos básicos pertencentes às linguagens artísticas poderá ser determinante para a construção de conceitos artísticos futuros. A fruição no campo da Arte requer a decodificação do objeto artístico. Para tanto, as

vivências com Arte no decorrer da educação básica necessitam ser significativas, na perspectiva de estabelecer referências e favorecerem a apropriação de códigos específicos em cada uma das linguagens artísticas.

O campo da Arte é complexo, integrador e não condiz com abordagens limitadas e fechadas. Por essa razão, é favorável que o professor do campo da Arte mantenha uma postura interdisciplinar no processo de ensino e aprendizagem, considerando a realidade atual de um currículo fragmentado.



Livros sobre cantigas de roda e canções

- LOUREIRO, Maristela; TATIT, Ana. *Brincadeiras cantadas de cá e de lá*. São Paulo: Melhoramentos, 2013.
- MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil. Belo Horizonte*: Itatiaia, 1985.
- NOVAES, Iris Costa. *Brincando de roda*. Rio de Janeiro: Agir, 1986.
- GAINZA, Violeta Hemsy de. *Para divertirnos cantando*. Cancionero recreativo para escuelas y campamentos. Buenos Aires: Ricordi, 1973.(Recopilación).
- PAZ, Ermelinda A. *500 Canções Brasileiras*. Brasília: MusiMed, 2010.
- SIMÕES, Raquel Marques. *Canções para a educação musical*. Lisboa: Valentim de Carvalho Ci Sarl, [s.d.].



Autoras



Melita Bona

melitab@yahoo.com.br

Estudou Piano e Flauta Doce na Escola de Música do Teatro Carlos Gomes de Blumenau; graduada em Educação Artística e mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Atuou como professora de música na rede particular em escolas na cidade de São Paulo. Professora e coordenadora do curso de Música, coordenadora pedagógica do Programa Institucional Artes na Escola/PIAE (Polo FURB); membro do grupo de pesquisa Educação, Arte e Estética do PPME, coordenadora do Subprojeto de Música do PIBID, vice-diretora do CCEAL da FURB.



Rozenei Maria

Wilvert Cabral

rozeneicabral@gmail.com

Mestra em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Especialista em Criação Publicitária pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Graduada em Educação Artística – habilitação Artes Plásticas pela FURB. Professora do Departamento de Artes da FURB. Coordenadora do curso de Artes Visuais da FURB. Presidente do Núcleo Docente Estruturante (NDE) de Artes Visuais da FURB. Coordenadora-geral do Programa Institucional Arte na Escola (Polo FURB) e membro do grupo de pesquisa Arte e Estética na Educação.



Referências

ANDRADE, Klesia Garcia. Canções e culturas: possibilidades educacionais por meio da voz. *Música na Educação Básica*, Londrina, Associação Brasileira de Educação Musical, v. 6, n. 6, nov. 2014.

BEINEKE, Viviane. Música, jogo e poesia na educação musical escolar. *Música na Educação Básica*, Porto Alegre, Associação Brasileira de Educação Musical, v. 3, n. 3, set. 2011.

BONA, Melita. Carl Orff: um compositor em cena. In: MAITEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Orgs.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibpex, 2011.

BUORO, Anamélia Bueno; KOK, Beth; ATIHÉ, Eliana A. *Agora eu era*. São Paulo: Nacional, 2007.

DESIGN MUSEUM. *Cinquenta chapéus que mudaram o mundo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade – Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *O Que é disciplina? São Paulo: Cortez, 2008.*

IAVELBERG, Rosa. *Desenho na educação infantil*. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

MARTINS; PICOSQUE; GUERRA. *Teoria e prática do ensino da arte: a língua do mundo*. São Paulo: FTD, 2010.

NOVAES, Iris Costa. *Brincando de roda*. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

PENNA, Maura. Entre trens e músicas: ideias para projetos integrados na escola. *Música na Educação Básica*, Londrina, Associação Brasileira de Educação Musical, v. 6, n. 6, p. 112-127, 2014.

PONSO, Caroline Cao. *Música em diálogo: ações interdisciplinares na educação infantil*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SCHAFER, Murray. *O Ouvido Pensante*. São Paulo: UNESP, 1991.

SCHULTE, Neide Köhler. A importância do ensino da arte para a moda. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRÁMM, Marilene de Lima Körting (Orgs.). *Reflexões sobre o ensino das artes*. Joinville: Univille, 2001.